

SANTOS, Valeri Carvalho Rodrigues. **Ator-Terreiro e Xamanismo Transcultural: Panritualidades Geoníricas**. Rio de Janeiro: UNIRIO. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO; orientação Nara Keiserman; bolsista da Capes.

### Resumo

Em movimentos de descentralização dos saberes, em retorno-ouroboros, seguindo a visão da serpente cósmica que engole o próprio rabo, no infinito cruzo do tempo Cronos-Kairós, traço os pontos do ator-terreiro e do xamanismo transcultural. Imiscuído nos onirismos telúricos pindorâmicos e suas medicinas da floresta, junto às magias cósmicas e mitologias afro-brasileiras, preparo territórios de reinvenções, heterotopias, nas quais os encantamentos ancestrais bailam para pular a fogueira de quebrantos da metafísica eurocêntrica, progenitora da cisão natureza-cultura, cujas as sombras esfumaçam o pensamento ocidental.

**Palavras-Chave:** Xamanismo, ator, terreiro, perspectivismo, multinaturalismo

### Abstract

Decentralization movements of knowledge, in return-ouroboros, following the vision of the cosmic serpent that swallows its own tail, in the infinite crossing of Cronos-Kairós time, I trace the points of the actor-terreiro and the Transcultural Shamanism. Imbued with pindoramic telluric oneirisms and their medicines from the forest, along with cosmic magic and Afro-Brazilian mythologies, I prepare territories for reinventions, in which ancestral enchantments dance to jump the bonfire of ruptures of Eurocentric metaphysics, the progenitor of the nature-culture split, whose shadows smoke Western thought.

**Keywords:** Shamanism, actor, terreiro, perspectivism, multinaturalism

*Dizem que o xamã costuma subir ao céu segurando o rabo dessa sucuri como se fosse um cipó. (Joana Miller)*

Prelúdio – Este escrito é mar, Calunga Grande, encaracola-se em ondas visionais e experienciais. Instaura palavras-som que metamorfoseiam imagens em ritmo lento, cúrveo, do pensar e propor. Arte larval que encapsula para abrir-se aos mistérios psicomágicos, mestria de nossos ancestrais. Investindo no compromisso com as inspirações de tino oral sua materialidade cede à poesia que objetiva a amplitude, à libertação de amarras que nos crispam em realidades determinantes. Neste tempo outro, quando parece se afastar, o assunto está próximo de rebentar à beira mar. Para borboletear laços é necessário dar voltas.

É a hora de largarmos o rabo da serpente que nos atirou no desterro adâmico e segurarmos as mãos dos xamãs Nambiquaras. Para assim, quem sabe, montarmos nas sucuris que podem nos levar até os doces frutos da Figueira Cósmica, *Haluhalunekisu*<sup>1</sup>, que sustenta o Céu na Terra.

Nos ausentamos da vida de tal modo que a Terra nos ausentou de si. O risco de morte ecoa o chamado do resgate ancestral. Naufragamos nas águas do rio

---

<sup>1</sup> A tese de Joana Miller, autora que cito na epígrafe, trata das mitologias dos Nambiquara, cuja Figueira Celestial, Haluhalunekisu, tem a função de manter o equilíbrio da vida por meio dos processos de purificação que realiza. Ver as referências bibliográficas.

Lete<sup>2</sup>. “E realmente continuo observando o pensamento do branco, como diz meu amigo Davi Kopenawa Yanomami, é cheio de esquecimento.” (Krenak, 2019, p.62-3) Do abismo marchetado ocidentalmente entre cultura e natureza, a ancestralidade é a ponte, é o caminho de volta para casa, o retorno do filho pródigo, olvidado que está de ser tão Terra como a sua mãe e seus irmãos interespecíficos.

Os conceitos de ator-terreiro e xamanismo transcultural, como invocações onírico-epidérmicas, calcinaram em meu *corpo-cadinho* ao longo de 2017 até verterem-se projeto de doutorado em setembro de 2018. Ambos criados e manejados a partir do desejo antigo de viver perspectivas cósmicas da existência na carne e nos ossos. Assim, percebi que seria necessário voltar a ter corpo de Terra, pensamento de Terra, sentimentos de Terra, alma de Terra. Lembrando que, Gaia nada mais é que um corpo celeste, portanto, um corpo de céu. Quando Gaia nos pariu, pariu também as estrelas, que se multiplicaram nos olhos de cada um dos seus filhos (minerais, animais, vegetais, humanos), afinal, como poderíamos vê-las se não tivéssemos seu chão para ninar os voos galácticos de nossos corações. Há quanto tempo não sonhamos mais as constelações com as histórias contadas por nossos avôs e avós? Esquecemos, esquecemos, esquecemos.

“Eles dormem sem sonhos, como machados no chão de uma casa.” (YANOMAMI, 2010, p. 76) O *homem branco* marcha na sua avidez por recursos. Derruba florestas sem ouvidos para as doces correntezas das folhas preocupado em carregar a madeira que ele não vê árvore. E quando deita, seus olhos orbitam fechados na miséria do que não pode visionar, a natureza que mata é uma morte em si. Essa perspectiva cadavérica materialista é o paradoxo do colonizador-imperialista que reivindicou a chancela de seu Demiurgo, exilado e exaltado no mundo das ideias.

É vital curar o corpo e a alma desta fissura cultura-natureza bordada ponto a ponto no tecido mente-coração da civilização ocidental - desterro de corpo, exílio na cabeça. Neste recorte me desvio das historiografias do teatro e das artes. Me atenho às fricções com o conceito de *antropos* e sua relação com a alteridade, visto que ambos atravessam a produção cultural eurocêntrica. Evito querelas desnecessárias, visto que esta narrativa não esconde suas parcialidades inventivas, mas antes cata as pedras fundantes de suas recriações – gingas construtivas.

Recrudesço o olhar para as gerações étnicas cosmo-planetárias que esgarçam este véu diáfano de magia envenenada, presente de Medéia, que nos lambe no fogo de uma morte em vida. E o Brasil, este contorno de múltiplos territórios, recortado por disputas genocidas, é o berço de lágrimas e sangue, riso e *re-existências* da Cultura Popular, que com suas *e-vocações* afro-pindorâmicas<sup>3</sup>, geram mananciais oceânicos de criatividade e possibilidades, coagulando assim encantarias tão imensas que são capazes de quebrar o feitiço colonial-imperialista, por isso tão perseguidas.

Entretanto, é necessário entender que este *homem branco* não está lá fora, está aqui dentro. Esse machado não é o outro, somos nós. A decolonialidade começa dentro, estamos todos infectados, fomos todos expostos a esse vírus letal, o despertar é lida cheia de curvas e derrapagens. Nos cabe destrinchar os mecanismos que nos engolfaram em cegueira sempre alertas aos cantos das sereias desencantadas e os espelhos que nos ofertam à margem do precipício tecnológico contemporâneo.

---

<sup>2</sup>Lete é um **rio** mitológico, localizado no Hades, quem bebia de sua água era tocado pelo esquecimento. Platão refere-se ao mesmo no Mito de ER - República, livro X.

<sup>3</sup>Tive contato com o termo afro-pindoramico por meio de Antônio Bispo dos Santos, mestre quilombola, conhecido também como Nego Bispo, que o propõe como denominação do cruzo afro-ameríndio. Ver referências bibliográficas.

Vivemos tempos nos quais as espetacularizações narcísicas cotidianas se tornaram uma etiqueta obrigatória para constituir identidade: “Se detrás do brilho da prata de Potosí se ocultava o trabalho exterminador da mina colonial no século XVI, detrás do brilho das telas se ocultam hoje formas mais extremas de dominação neocolonial, tecnológica e subjetiva.” (PRECIADO, 2019, p.11)

Portanto, as micropolíticas podem atuar como vacina, se conseguirmos, dentro de nós, virar do avesso o vírus desconector (natureza-cultura). Ao engendrar contaminações afro-pindorâmicas como lastro de reinvenções visa-se aqui gerar espaços de confluências<sup>4</sup> (BISPO DOS SANTOS, 2015), possibilitando micropolíticas em ritmos geo-comunitários capazes de detonar descentralizações nas “épuras da alucinação euroantropocêntrica” (Viveiros de Castro, 2010, p. 17).

A garantia de uma micropolítica processual, aquela que constrói novos modos de subjetividade [...] só pode – e deve – ser encontrada a cada passo a partir dos agenciamentos que a constituem, na invenção de modos de referência, de modos de *práxis*. Invenção que permita, ao mesmo tempo, elucidar um campo de subjetivação e intervir efetivamente neste campo, tanto em seu interior, como em suas relações com o exterior. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 30)

As poéticas rupestres, beberagens temperadas em arte e magia, exigem a preparação das bocas e estômagos. Para tal, é necessário ouvir as fantasmagorias que nos fizeram chegar a essa crise ontológica e epistemológica. Consequentemente, antes de adentrar no ator-terreiro e no xamanismo transcultural, ainda é necessário delatar os nós fundantes desta engenharia de desconexão, que zomba de nós

Repito *caledoscopicamente* o parágrafo acima: a engenharia de desterro instituída no ocidente pelas políticas da colonialidade serve à apropriação de terras e corpos, ambos sinônimos de recurso. Estamos lidando com uma maquinaria de desconexão que instala a fantasmagoria de uma realidade única (sempre imperialista) sobre os espaços e os corpos que mortifica. Cito aqui apenas três pilares históricos.

Nossa desdita começa em Platão, que profetizou a saída do útero pétreo, *Prometeu* o conhecimento solar em apolíneas racionalidades do espírito-forma. Entronizou o Demiurgo distante da natureza, visto que esta era apenas cópia grosseira do mundo das ideias. Amaldiçoou o corpo sede das sensibilidades enganosas. A escuridão das cavernas deixou de ser o mistério mágico da vida e se tornou a ignorância. A Atenas de homens nus desfilando na *pólis* e mulheres encarceradas em *domus*, encerrou Dioniso na Palavra – a retórica didática adestrava para a tragédia da vida orquestrada pela *poiesis* de uma elite escravocrata e sedenta pela acumulação de poder e riquezas. Os ditirambos - os ritos agrários dionisíacos capturados, deixaram órfãos das ritualidades ancestrais terrenais os camponeses, enquanto os eupátridas estendiam seus latifúndios e suas guerras de conquista.

Contudo, mal maior estava para surgir do grande império dos deuses greco-romanos que lavou durante séculos a Europa, o norte da África e o Oriente Próximo em guerras: a Igreja Apostólica Romana, decretando Deus e Cristo como anfitriões supremos do céu, o Primeiro Estado. Tal instituição, primeira grande corporação da fé, expandiu seus projetos de dominação por meio da cristandade, uma indústria de guerra. Lembremos que a primeira coisa que os invasores fizeram ao chegarem em nossas terras foi uma missa. Se a igreja rompeu com o império romano, me parece que o império romano nunca saiu da igreja.

---

<sup>4</sup> Nego Bispo tem desenvolvido o conceito de confluência como contra colonização. Ver referências bibliográficas.

Ressalto que a inquisição, a foice do Absoluto, tratou de varrer da Europa toda a memória de suas tradições ancestrais, pagãs e politeístas, que ritualizavam os saberes do corpo nas suas relações *in progress* com uma natureza cósmica e divina. E é neste ponto que ousou afirmar que a Europa é uma grande invenção que inventou o Brasil.

Por fim, a ciência Iluminista: a religião do ceticismo<sup>5</sup>. Por meio de sua tecnologia bélica industrial imperialista, instituiu o corpo e a natureza como matéria sem qualquer propriedade consciencial, organismos mecânicos esvaziados. O *homem branco* salvo por *caput*, a cabeça, trono de sua racionalidade privilegiada, instituiu-se como arauto da verdade Absoluta. Paralela às políticas imperialistas de conversão cristã, tomou para si a missão de civilizar o mundo.

O entendimento de Hegel sobre a história humana e seu eventual “fim” (*das Ende*) alinha, em um mesmo horizonte, tanto a perspectiva teológico cristã da história, quanto a visão iluminista. De certo modo, Hegel sintetiza, neste quesito, o pensamento histórico que o antecedeu. Ao mesmo tempo, os supera dialeticamente, ao descrever uma “história filosófica” cujo núcleo é a realização imanente da liberdade do Espírito Absoluto – isto é, a Razão – através do progresso da consciência humana. (SANTOS, 2016, p. 127)

Reforço: “liberdade do Espírito Absoluto – isto é, a Razão – através do progresso da consciência Humana”. A alma (psique) encarcerada na razão, teve suas outras faculdades, tais como, imaginação e intuição, tratadas com desconfiança acintosa, inferiorizadas, passando a equivaler à atraso e estupidez. E os *homens brancos*, signatários do Espírito, deram-se a liberdade Absoluta para invadir, roubar, escravizar e estuprar, sem ter que recorrer à Deus, mas sim às suas próprias teorias e metodologias. O sofismo da barbárie, denominado ciência, produziu, por exemplo, as teorias eugenistas.

A ontologia do *antropos* da metafísica platônica-aristotélica-cristã-científica instituiu as epistemologias do sistema antro-palo-ego-logo-cêntrico da cultura moderna ocidental<sup>6</sup>, como denominou Suely Rolnik (2016). “Tornar-se sujeito, portanto, supõe sustentar o trabalho da morte. Sustentar o trabalho da morte é precisamente como Hegel define a vida do espírito.” (MBEMBE, 2016, p. 125)

Contra a Razão-Morte, imperialista e segregadora, se opõe a vida, cujo o fundamento de experimentação é o corpo. E é nesse ponto que o xamanismo ameríndio implode o mausoléu arquitetado pela metafísica ocidental. Por meio do qual pude viver e observar as circulações entre terreiro, transculturalidade, saberes oníricos, arte, magia e ritual, possibilitando as fricções criativas dos conceitos propostos.

Cheguei ao xamanismo e às as interseções geradoras que este me proporcionou, por meio de três cruzamentos: as investigações do conceito-*praxis*, *Earth Body Work*, da artista Ana Mendieta; o manancial teórico advindo das pesquisas etnológicas de Eduardo Viveiros de Castro; e a experiência com as medicinas

---

<sup>5</sup> “Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. Não só não há religião sem separação, como toda separação contém ou conserva em si um núcleo genuinamente religioso.” (AGAMBEN, 2007, p.58)

<sup>6</sup> Termo criado e utilizado por Suely Rolnik, para sintetizar a mentalidade que permeia toda a civilização ocidental, constituída a partir da Europa, fundadora do sistema e cultura capitalista/*capitalística*. Essa mentalidade é composta por várias camadas de valoração e hierarquização, que institui a exclusão e a marginalidade de tudo que não está sob a sua perspectiva. Ver referências bibliográficas.

xamânicas – a ahayuasca e o rapé, tanto na Arca da Montana Azul<sup>7</sup>, como em cerimônias Yawanawa e Shawadawa<sup>8</sup>.

As medicinas da floresta me proporcionaram processos de morte e renascimento que ressuscitaram o meu corpo como consciências multidimensionais. Abatida como fui por uma educação de domesticação e mortificação que me exilaram em uma mente racional, fragmentada e desconectada, nunca me perdi do desejo de reconexão com a vida numa perspectiva *cosmovisional*, fato que me levou a pesquisar inúmeras formas de espiritualidades, artes e teatro, em especial os estudos da performance em função de sua vocação abertamente ritualística.

A arte pode ser “o refúgio ecológico do pensamento selvagem dentro do mundo racionalizado” (VIVEIROS, 2009), contanto que exorcize de si os feitiços do Espírito Absoluto. Consequentemente, o ator-terreiro e o xamanismo transcultural conjuram a arte que retoma suas vocações selvagens, ritualísticas, geocêntricas e seus cruzos com a espiritualidade e a magia. A espiritualidade aqui é entendida como relações cósmicas em trânsitos conscienciais multidimensionais. Ao conceituar magia, Starhawk (2018, p.55) menciona a perspectiva de Dion Fortune, que a definia como “a arte de modificar a consciência de acordo com a vontade”, em seguida afirmando: “A natureza canta e fala, e o mundo inteiro se comunica conosco. Nisso podemos reconhecer outra definição de magia: a magia seria a arte de se abrir e ouvir profundamente essa comunicação.”

O xamanismo ameríndio é portal por onde confluem essas *holos* visões. Pude vivê-las *corporeamente* através de suas alquimias coaguladas na ayahuasca e no rapé, que não deixam de ser tecnologias ritualísticas ancestrais que renovam o corpo e suas perspectivas. Adquiri uma outra percepção sobre o conceito de crueldade criado por Artaud, visto que ele também experienciou o peyote com os Tarahumaras - “portanto eu disse ‘crueldade’ como poderia ter dito ‘vida’” (ARTAUD, 2006, p.134). A crueldade do corpo cru e da vida crua engendra “a cura da cisão entre pensamento e carne.” (QUILICI, 2004, p. 32) Ao invés de pensamento, consciências internas e externas projetoras de realidades que se atritam.

A crueldade é antes de mais nada lúcida, é uma espécie de direção rígida, submissão à necessidade. Não há crueldade sem consciência, sem uma espécie de consciência aplicada. É a consciência que dá ao exercício de todo ato de vida sua cor de sangue, sua nuance cruel, pois está claro que a vida é sempre a morte de alguém.(ARTAUD, 2006, p. 118)

Ao seguir na direção da sofisticada trama intelectual que constitui o pensamento “panindígena” (KRENAK, 2019, p. 16), ressalto que o que aponto aqui são *microfacetas* de *pluriversos* étnicos oceânicos.

Cada corpo (inclui-se seres interespecíficos) em relação com a natureza institui uma realidade própria. O conceito de xamanismo transversal (VIVEIROS DE CASTRO, 2008a) propõe a metafísica canibal a partir de dois conceitos bases: o perspectivismo e o multinaturalismo. O primeiro trata da acepção pindorâmica do corpo como uma veste, o que interfere diretamente na apreensão da alteridade e na constituição de suas relações com a mesma. O corpo de uma mosca possui qualidades oculares totalmente distintas de um sapo ou de um humano. Esta prerrogativa institui para a mosca uma realidade totalmente particular, que vai engendrar formas específicas de relação com a natureza e os seres interespecíficos.

---

<sup>7</sup> Centro holístico, politeísta, onde são realizadas cerimônias com as sagradas medicinas da floresta – o rapé e a Ayahuasca.

<sup>8</sup> Etnias ameríndias da Amazônia acreana.

Portanto, não é o espírito que engendra consciência, mas sim o corpo. As construções culturais são construções corpóreas.

O multinaturalismo assenta-se na apreensão de uma natureza sistematicamente variada e diversa, e “a cultura como multiplicidade” (2008a, p.95). Este, mais do que se contrapor ao multiculturalismo, cuja a acepção institui uma natureza única, universal, que manifesta fenômenos variados, estabelece uma outra dinâmica apreciativa.

Mas a noção de multinaturalismo não é a simples repetição do multiculturalismo antropológico com os sinais trocados [...] Parafrazeando a conhecida passagem de Deleuze sobre o relativismo, diria então que o multinaturalismo amazônico não afirma uma variedade de naturezas, mas a naturalidade da variação. (VIVEIROS DE CASTRO, 2008a, p. 95)

A vida constitui-se como diversidade cultural e natural, como dois espelhos postos um na frente do outro, onde miríades de realidades se entrelaçam, se relacionam, se projetam e se cruzam. O xamã tem o poder de metamorfosear seu corpo e perceber estas múltiplas realidades, é ao mesmo tempo um comunicador e um transmutador de perspectivas, em negociação com uma alteridade que está em constante jogo de predação e aliança. É também um mestre do ritual.

A percepção de corpo ameríndia é plástica. Viveiros de Castro observou, a partir de seus estudos de campo junto a sociedade xinguana Yawalapiti, que:

Uma das mencionadas ideias gerais, e centrais, no pensamento Yawalapiti, é a de que o corpo humano necessita ser submetido a processos intencionais, periódicos de fabricação [...] E tal fabricação é concebida [...] como um conjunto sistemático de intervenções sobre as substâncias que comunicam o corpo e o mundo [...] As mudanças corporais assim produzidas são a causa e o instrumento de transformações em termos de identidade social [...] Desta forma, a natureza humana é literalmente fabricada, modelada pela cultura. (VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p.40-1)

A fabricação do corpo não está submetida apenas à questão da *relacionalidade* intrínseca à vida, ela é trespassada pela intencionalidade, esta última se insere no corpus social e cultural. O ritual é a tecnologia fundamental dos processos de metamorfose que instauram “desordem, regressão, transgressão - mas não se trata de uma volta, de uma recuperação pela natureza daquilo que lhe foi roubado pela Cultura” (CASTRO, 1979, p. 41). O que se busca com esta operação paradoxal é uma relação criativa e consequentemente demiúrgica consigo, a vida e a alteridade. Portanto, para o ameríndio, não há uma natureza a priori que estabelece uma identidade, a subjetividade não está atrelada a uma essência individual. As relações e as intenções esculpem um estar na vida movimentado por constantes interferências e transformações internas e externas. Consequentemente, o que cruzo aqui é a percepção do corpo plástico com o corpo-terra. Delato, assim, a sua plasticidade de barro, para criar o conceito de ator-terreiro. Onde as ancestralidades afro-brasileiras e originárias confluem para restituir as consciências oníricas e criativas do corpo em relação com a natureza-galáctica

O terreiro estabelece um espaço que revela o invisível. As forças que atuam no inconsciente compartilhado entre os vários corpos que estão presentes na alteridade, se revelam no terreiro, ganham corpo a partir dos agentes rituais e seus participantes.

Holograficamente, o micro condensado no corpo do ator-terreiro revela o macro - atravessamento de forças cósmicas, celestiais e terrenais, que compõe as múltiplas realidades com as quais se relaciona com seus múltiplos corpos – emocional, mental, pulsional, intuitivo – ritmando cruzos sobre cruzos em chave criativa e plástica.

Entre os corpos está o vazio, como na música está o silêncio. A tela cósmica ilimitada, onde tudo se projeta, tem no vazio e no silêncio a matéria primordial da criação, que se molda através dos atravessamentos corporais e de suas relações entre si, consciências simultaneamente receptivas e ativas.

Destarte, o ator-terreiro, como um xamã transcultural, que transita entre diversas culturas, mergulhando em diversos saberes, apreendendo múltiplas tecnologias ritualísticas, torna-se mestre em manejar forças e intenções internas e externas. Em transes criativos, como agente alquímico, coagula e dissolve imagens, seu corpo (inclui-se a voz) metamorfoseia forças, evoca consciências, joga, brinca, oculta e revela. Por estar no ápice da ação, que é trespessada pelo silêncio criativo, o termo ator, performa como verbo, sem gênero.

O ator-terreiro e o xamanismo transcultural enredam propostas em desenvolvimento que buscam entender a diversidade cultural brasileira de outra forma, arregimentando para isso uma estética de terreiro, atravessada pela ideia de *panritualidades geoníricas*. O sonho é matéria de criação, que nasce do corpo e das relações com a natureza em linguagem mítica e simbólica – *geonirismo*.

O termo panritualidade busca em seu prefixo não só a ideia de todos, mas a imagem do deus grego Pã, com seu corpo metade animal, metade humano. Entidade mítica que criou a flauta, objeto artístico e cultural. Seu mito condensa a imbricação cultura e natureza de forma poética. Em chave onírica, cria um artefato que consoma um amor frustrado. O doce som da flauta é a voz da ninfa *Syrinx* que rejeitou o seu abraço amoroso. No complexo jogo da vida, permeado por forças e intenções antagônicas, as ritualidades têm a potência de criar espaços de *supravivência*<sup>9</sup>.

A vida é presença no corpo, no rito celebrada. O ritual atua como apaziguador e negociador com as forças cósmicas, como celebração das passagens de tempo, das transformações cíclicas e a alegria de nos comunicarmos expandindo assim nossa própria presença.

“Desde então a música e a dança estão presentes na vida dos humanos e são uma exigência dos orixás quando eles visitam esse mundo.” (PRANDI, 2001, p. 447). Podemos imaginar que os orixás demandam danças e cantos porque só se manifestam em dimensões conscienciais que estão plenas de criação. “Oludumaré cria lemanja, as águas e Aganju, a Terra. Assim, é interessante notar que o mundo nasceu da solidão do deus supremo. Criar é não ser só.” (VALLADO, 2008, p. 27) Onde há criação miríades de forças estão presentes. É preciso criar para empurrar para longe toda a morte que apaga nossos sonhos. A matéria do ator-terreiro é o geonirismo, onde poéticas telúricas se lançam no enalço da rematériação cosmo-planetária, o fim do desterro-natureza para sairmos dessa solidão de machado.

---

<sup>9</sup> Este termo-conceito vem sendo idealizado e trabalhado por Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Ver bibliografia.

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

KRENAK, Ailton. *Ailton Krenak*. Lisboa: Oca Editorial, 2019.

MILLER, Joana. *As coisas: os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Museu Nacional. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRECIADO, Paul B.. La izquierda bajo la piel: Um prólogo para Suely Rolnik. In: ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

QUILICI, Cassiano Sydow. *Antonin Artaud – Teatro e Ritual*. São Paulo: Annablume, 2004.

ROLNIK, Suely. A hora da micropolítica. In: *A batalhado do vivo*. Org: Grupo Contrafilé. São Paulo: MASP, 2016, p. 152-163.

SANTOS, Vinícius dos. A razão realizada? Notas sobre a filosofia da história de Hegel. *Aufklärung*, Paraíba, V.3 N.2, p.127150, 2016. Disponível em: < chrome-extension://oemmnadbldboiebfnladdacbfmadadm/https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5677909.pdf >. Acesso: 02 jan 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro, Mórula, 2018.

STARHAWK, M. S.. Magia, visão e ação. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (69), 52-65, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p52-65>. Acesso 13/12/2020.

VALLADO, Armando. *Iemanjá: a grande mãe africana do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O recado da mata. In: YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: companhia das Letras, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica. In: QUEIROZ, R. de C.; NOBRE, R. F. (Org.). *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a. p. 79-124.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, n. 32, p.40-49, maio 1979.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Entrevistas: Eduardo Viveiros de Castro. Com Ciência: *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, [s.l.], 10 maio 2009. Disponível em:  
<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=46>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: companhia das Letras, 2010.